

PASSAGENS E PAISAGENS URBANAS: OS CIRCUITOS DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS ESTRANGEIROS EM UBERLÂNDIA-MG¹

JÉSSICA NATHÁLIA DE PAULA²

ALESSANDRA SIQUEIRA BARRETO³

Resumo: Esta pesquisa aborda a constituição de identidades juvenis, tendo como foco especificamente o caso dos estudantes estrangeiros que integram o programa de mobilidade estudantil da Universidade Federal de Uberlândia, focando questões relativas às formas de sociabilidades e projetos desses atores. Sob tal aspecto, buscamos identificar a forma como os estrangeiros lidam com os moradores e estudantes da cidade, seus trajetos e percursos em Uberlândia e as imagens que os jovens “de fora” constroem acerca dos brasileiros.

Grosso modo, este trabalho procurará entender as relações entre jovens estudantes que estão em *trânsito*, o impacto da experiência de mobilidade na construção das identidades desses jovens, que saem do seu país de origem em busca de melhores condições de vida, de estudos, assim como de conhecer novas culturas e costumes. E ao chegar aqui buscam ainda criar relações afetivas com jovens brasileiros, estreitando seus laços de afinidade e incorporando novos hábitos e costumes de seu novo grupo de convívio. Percebe-se, com isso, uma apropriação, um compartilhar dos hábitos e costumes dos universitários brasileiros por estes estudantes, que escolheram nosso território como espaço para ampliar sua rede de sociabilidade e uma oportunidade na troca de experiências com diferentes grupos, cada qual com suas especificidades e particularidades.

Palavras-chave: mobilidade estudantil, estilos de vida urbanos, identidades juvenis, redes sociais, carreiras.

¹ Este artigo é produto de pesquisa vinculada ao projeto “Trânsitos Urbanos: fluxos, mediações e identidades no mundo contemporâneo”, financiado pela FAPEMIG (2009/2011) sob a coordenação da profa. Alessandra Barreto.

² Discente da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Avenida João Naves de Ávila, 2121-Campus Santa Mônica-Uberlândia/MG, CEP 38408-100. Email: jessicadepaula@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia e do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Antropologia pelo Museu Nacional/UFRJ e Pós-Doutora em Antropologia pelo Departamento de Antropologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE (Lisboa, Portugal). Email: alessandrabarre@fafcs.ufu.br

Abstract: This research deals with the constitution of the young identity, giving emphasis to the case of foreign students that make part of the mobility program of the Federal University of Uberlândia, with emphasis in questions on the forms of sociability and projects of those social actors. In this article, we try to identify the ways these students deal with the place and the city, your path and pathways in Uberlândia and the images those younger outsiders makes about the Brazilian.

Basically, we try to understand the relationship between young students who are in *transit*, the impact of the experience of the mobility on the construction of their identities, who leaving of his countries in search of best condition of life and study, well as to know new cultures and costume. How they make relationships with the Brazilian's younger, how they create make ties and incorporate new habits and costumes of their socializing group. It noted, with that appropriation, a share of the habits and the costumes of the Brazilian university students by the foreign, who choice our territory like a space to apply your sociability network and the opportunity in change of experiences with the different groups.

Keywords: mobility, urban way of life, identities, social network, career.

1. Introdução

A questão da cidade foi tratada por alguns autores clássicos preocupados em analisar as transformações decorrentes da industrialização e do desenvolvimento capitalista em fins do século XIX e início do XX. Autores como Émile Durkheim, Max Weber, Ferdinand Tönnies, George Simmel são alguns, dentre outros estudiosos, que abordaram tangencialmente como objeto, a temática da cidade em suas análises. A contribuição dessas primeiras reflexões serviu de ponto de partida na tarefa de traçar quadros de referencial teórico para as questões urbanas. Mais tarde, outro grupo de pesquisadores se destacaria neste quadro por fazer da cidade seu objeto de preocupação, estudo e intervenção. Trata-se da Escola de Chicago, formada por membros do departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, e com intensa produção no período da Primeira Grande Guerra até os anos 1930⁴.

⁴ Para uma análise mais detalhada sobre a Escola de Chicago, consultar MENDOZA, Edgar S. G. "Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo." Sociologias, Porto Alegre, v. 7, n.14, p. 440-447, jun/dez 2005.

Sob outra perspectiva, alguns conceitos foram retomados como, por exemplo, os de comunidade e sociedade utilizados por Tönnies a fim de diferenciar os tipos de sociedade tradicional daquelas baseadas nas relações de troca. Essas construções típico-ideais são usadas como parâmetro de coletividades humanas e nota-se a proximidade com as definições de “solidariedade mecânica” e “solidariedade orgânica” da terminologia durkheimiana que, apesar de alguns contrapontos, abordam a mesma problemática. Segundo Tönnies (1935), *comunidade* refere-se ao tipo de sociedade fundada sobre a integração orgânica de relações comunitárias, carregadas de afetividade; e *sociedade*, ao contrário, é estabelecida a partir de relações abstratas, nas quais prevalecem avaliações racionais.

Por outro lado, para Weber o estudo da cidade tem como ponto de partida a análise da origem e desenvolvimento do capitalismo, pois para ele a cidade surge como resultado e também como pressuposto deste processo. Em sua análise sobre as cidades medievais do Ocidente, aponta para o caráter de racionalidade presente nas cidades, com base na comunidade – com um alto grau de autonomia local, militar e política nas associações frente ao senhor feudal. Dessa forma, a cidade se incorpora a Estados Nacionais, inserindo-se numa unidade mais ampla, perdendo sua capacidade autoexplicativa e com as novas implicações apresentadas não pode mais ser captada e estudada como uma totalidade (VELHO, 1976).

A transição da vida no meio rural e nas pequenas cidades para o contexto metropolitano também foi pano de fundo para a análise de Simmel. A multiplicidade nos âmbitos da vida econômica, social e ocupacional faria do homem da metrópole muito mais racional, calculista e reservado se comparado ao habitante da pequena cidade, em que a vida descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. Pelo contrário, este tipo metropolitano de habitante basearia suas relações na individualidade e impessoalidade, gerando aquilo que Simmel chama de atitude *blasé*. No moderno estilo de vida, a atitude *blasé* é a indiferença a qualquer elemento essencial que implique o emocional, o afetivo, desencadeando uma postura cada vez mais egoísta e racional (SIMMEL, 1967).

Percebemos que esses autores vivenciaram como contexto as cidades europeias marcadas pelo liberalismo, emergente de 1848, e pela intervenção do Estado no ordenamento urbano (MAGNANI, 2010). Num outro momento, nas décadas de 1910 a 1930, mudando das cidades europeias para o cenário norte americano, temos a Escola de Chicago e suas pesquisas voltadas para análise da cidade de Chicago, uma metrópole de crescimento desordenado, resultado das correntes migratórias internas e internacionais, gerando “problemas” sociais e fenômenos urbanos ainda pouco explorados pelas Ciências Sociais da época.

Diante das rápidas mudanças e do surgimento de grupos heterogêneos que disputavam os espaços na cidade, muitas vezes de maneira feroz e violenta, o referencial dos pesquisadores da Escola de Chicago se pautava na ecologia humana. Assim, W.I. Thomas, R.E.Park, E. Burgess – pioneiros dessa Escola, propunham estudar a cidade como um “organismo social”. Conceitos como dominação, invasão, sucessão, dominância eram utilizados para explicar as competições por espaços, recursos, controle político entre outros fenômenos que formavam a dinâmica urbana. Outra particularidade dessa Escola são os estudos empíricos realizados pelos pesquisadores que ficaram conhecidos como “etnógrafos” de Chicago (HANNERZ *apud* MAGNANI, 2010:7). Suas etnografias foram realizadas sobre temas específicos tais como delinquência, prostituição, criminalidade que foram diagnosticadas como “patologia social”. Tal característica aproximou esses estudiosos de um viés antropológico, porém tal atribuição se dava mais por conta da escolha de temas e dos métodos utilizados, do que por um referencial teórico adotado. Por isso, a Escola de Chicago é marcada pela heterogeneidade, inovação e complexidade nas suas produções acadêmicas. Assim como pelo diálogo entre áreas disciplinares.

Diante disso, o panorama traçado aqui de forma geral sobre os estudos urbanos no contexto mundial, permite-nos demonstrar como a cidade foi objeto de investigação e preocupação dos cientistas em várias partes do mundo e pensada como questão desde autores clássicos até os mais contemporâneos em diferentes contextos históricos. Como no caso do Brasil, em que tal preocupação teve significativo espaço nas reflexões e debates científicos principalmente a partir da segunda metade do século XX.

Com o crescente número de trabalhos no âmbito da Antropologia Urbana no Brasil, percebemos que a temática da cidade vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas. A cidade tem se mostrado um espaço repleto de símbolos e significados particulares, com uma dinâmica de organização própria que abarca uma totalidade caótica em sua diversidade, mas que ao mesmo tempo revela uma lógica de ordenação. Nesse sentido, a busca por decodificar tais códigos e entender como se constituem as redes de sociabilidade, muitos estudos voltaram seu foco para a discussão das metrópoles – como cenário por excelência onde se condensam experiências e práticas que ordenam o comportamento dos seus habitantes e que imprimiriam modelos e padrões⁵.

⁵ Destaco alguns trabalhos importantes desse período: DURHAM, Eunice. “A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo”. São Paulo: Perspectiva, 1984. FRÜGOLI Jr., Heitor. “São Paulo: espaços públicos e interação social”. São Paulo: Marco Zero, 1995; MAGNANI, J.G. C; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). “Na

Considerando as importantes contribuições dos estudos das grandes cidades para a compreensão dos fenômenos urbanos, e no intuito de enriquecer tal debate, propomos no presente trabalho voltarmos nossos olhares para outro cenário, tão rico e diverso quanto o das grandes metrópoles – as cidades de médio porte. A proposta de analisar estes espaços de forma mais apurada tem por intuito compreender as dinâmicas na organização desses lugares e as formas de percepção correspondentes aos seus diferentes modos de apropriação (MONTES, 2008).

Grosso modo, propomos a discussão da utilização e formas de percepção do espaço urbano por jovens estudantes estrangeiros durante sua estadia na cidade de Uberlândia (MG). A maneira como estes jovens constroem suas identidades nesse novo espaço, através do lazer e a forma como estão utilizando os *pedaços* (MAGNANI, 2003) das cidades para criar diferentes possibilidades de encontros e sociabilidades, é o viés condutor do trabalho. Assim, procuramos identificar esses locais de encontros dos jovens por meio do mapeamento de seus laços de sociabilidade, hábitos de consumo, buscando maior proximidade e acompanhando algumas de suas atividades.

2. Material e Métodos

Realizamos o levantamento de dados sobre os estrangeiros junto à Diretoria de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (DRI) quanto ao número de alunos envolvidos nos programas de mobilidade estudantil, cursos envolvidos, parcerias diretas entre a Universidade Federal de Uberlândia e universidades estrangeiras, destinos dos alunos da UFU, origem dos estudantes estrangeiros, dentre outros. Com base nos dados fornecidos pela DRI, no período entre 2005 e 2008, a UFU recebeu 84 estudantes estrangeiros através de vários programas: Mobilidade Internacional, Programa de Incentivo à Formação Científica de Estudantes Moçambicanos (PFCM), Programa de Mobilidade Acadêmica Regional para Cursos Credenciados pelo Setor Educacional do MERCOSUL (Marca), Programa Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G), dentre outros. Esta pesquisa contou com a participação de dezesseis alunos, com idades entre 19 e 28 anos, que vieram de diferentes países – Bolívia, Cabo Verde, Colômbia, Espanha, EUA, França, Guiné-Bissau,

metrópole: textos de antropologia urbana”. São Paulo: Edusp,1996; VELHO, Gilberto. “Individualismo e cultura: Notas para uma Antropologia das Sociedades Contemporâneas”. Rio: Zahar, 1981; ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). “Um século de favela”. Rio: FGV, 2004.

Paraguai e Ucrânia. São universitários dos cursos de Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Artes Visuais, Jornalismo, Economia, Ciências Sociais, Geografia, Administração⁶.

Assim como desenvolvido pelos pesquisadores da Escola de Chicago, não definimos um método exclusivo, mas um conjunto de estratégias de pesquisa e coleta de dados articulando-os diretamente com a observação participante, a fim de possibilitar o contato direto com o grupo estudado, buscando maior proximidade com os interlocutores em seus espaços de lazer, e formas de apresentar seus fluxos e mobilidades. Através da etnografia desses espaços, assim como dos fluxos de jovens originários de diversos países que integram o programa de mobilidade estudantil da UFU tentamos determinar como esses jovens constroem seu *circuito* na cidade de Uberlândia, como criam seus laços de pertencimento com a cidade e em que medida reformulam suas representações sobre urbanidade e estilos urbanos.

Ao partir para o campo, encontramos algumas dificuldades na abordagem dos atores estudados, e que mais tarde nos levou a refletir sobre certas particularidades do grupo que nos propomos a analisar. Uma das questões é a própria condição de grupo, pois após a análise das relações sociais estabelecidas com a experiência de intercâmbio dos estudantes estrangeiros, pudemos notar que ao mesmo tempo em que elementos em comum uniam de certa forma esses indivíduos - a condição de estrangeiros e universitários - também não representavam uma condição fundamental para se reconhecerem enquanto um grupo. Como mencionamos, as dificuldades encontradas foram de aproximação e abordagem com os estudantes. Em alguns casos, nem a entrevista foi possível, pois os estrangeiros alegavam falta de tempo disponível, considerando compromissos com as atividades acadêmicas em que estavam envolvidos – estágios, provas, trabalhos, atividades complementares, entre outras. Além disso, outro fator agravante foi a condição de indivíduos em trânsito. Como alguns estudantes estavam no final do seu período de intercâmbio e com os últimos detalhes para organizar antes da volta ao seu país, estes não tinham disponibilidade para uma entrevista. Alguns estrangeiros que encontramos nessas circunstâncias se mostraram dispostos a conceder a entrevista, oportunidade não desperdiçada. O *pool* de estratégias metodológicas se justifica, portanto em função da impossibilidade de um trabalho de campo com observação participante no estilo antropológico mais clássico.

⁶ Ressaltamos que no escopo deste artigo não utilizamos material de todas as entrevistas. Estas podem ser encontradas na monografia PAULA, J. N. “Passagens e Paisagens Urbanas: os circuitos dos jovens universitários estrangeiros em Uberlândia”, Instituto de Ciências Sociais (INCIS), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

Outra característica que merece destaque refere-se à classificação desses estudantes estrangeiros: conformam ou não um grupo? Na tentativa de qualificar os estrangeiros nos apoiamos na definição de Mayer (1966) de quase grupos para determinar agrupamentos de indivíduos que não apresentariam certa uniformidade, notada nas definições de grupos e associações. Esses dois conceitos - grupos e associações - foram exaustivamente debatidos por antropólogos sociais, por ser de fundamental importância para seus estudos, e dentre as várias definições estabelecidas, de maneira geral, entende-se que são constituídos de determinado número de membros que mantêm certa forma de interação entre si, podendo ser em termos de obrigações e direitos. Mas há, em determinadas situações, agrupamentos que não apresentam tais características tão bem definidas, e não podem ser enquadradas naquilo que se entende por grupos e associações, é o caso dos quase grupos (MAYER: *idem*, p.127). O autor divide a noção de quase grupos em duas categorias: o primeiro seria de tipo classificatório, na medida em que se classificam os interesses em comum dos membros, e que podem levá-los a formar, em algum momento, um grupo definitivo. Na segunda categoria, enquadram-se aqueles agrupamentos que possuem certo tipo de organização, mas não se constituem enquanto um grupo; são baseados num conjunto de indivíduos em interação por isso são chamados de quase grupos interativos.

Além do enquadramento teórico desses atores como quase grupos, também recorreremos à definição de rede social para dar conta da complexidade de suas relações e para o estabelecimento do contato com os nossos interlocutores, ou seja, cada entrevistado nos apresentava outro. Dessa forma, o conceito de rede, de grande relevância nas ciências sociais, foi referência para nosso caso. A análise de redes começou a ser objeto de vários trabalhos desde meados dos anos 50, por exemplo, Barnes (1969), Boissevan (1974), Mitchell (1973) e Bott (1971). O estudo de Elisabeth Bott (*op.cit.*) refere-se a famílias urbanas inglesas, onde o termo rede é usado para ilustrar a importância das ligações informais e dos grupos primários, presentes também nas grandes cidades, tornando-se uma crítica ao modelo estrutural-funcionalista, principalmente as ideias de Parsons que defendia a hipótese de isolamento da família na sociedade urbana (PISELLI, 2003). A discussão de redes, desenvolvido por Bott, refere-se às redes de relações sociais baseadas no comportamento das pessoas. Assim, analisa as diferentes formas de interação no interior das famílias, bem como as relações estabelecidas.

Mas, há variações e diferentes concepções de sentido para o termo. Este trabalho pautou-se mais especificamente nas formulações de Barnes, cuja ideia de rede está relacionada a um campo social formado por relações entre as pessoas que são estabelecidas

por critérios subjacentes ao campo social como relações de vizinhança, parentesco ou amizade, bem como relações que predominam vínculos continuamente mutáveis e sem grupos estáveis ou coordenação global. A respeito da ideia de rede, Barnes afirma:

[...] Acho conveniente falar de um campo social desse tipo como rede. A imagem que tenho é a de um conjunto de pontos, alguns dos quais estão unidos por linhas. Os pontos da imagem são pessoas, às vezes grupos, e as linhas indicam quais as pessoas que interagem entre si. [...] Uma rede desse tipo não possui nenhum limite externo (BARNES, 1954:43 Apud MAYER, 1966)

3. Resultados e discussão

3.1. *Jovem, estrangeiro, morador: identidade em questão*

A questão da identidade nas sociedades contemporâneas aparece como tema recorrente nas Ciências Sociais. Um dos autores que se destaca neste quadro de referência é Anthony Giddens. Em *Modernidade e Identidade* o autor busca refletir acerca do sentido da sociedade em que vivemos, e dos impactos que a chamada modernidade manifesta sobre o indivíduo através de um processo de transformação na concepção de identidade a partir da ruptura com uma ordem tradicional. Nas palavras do autor, nesse contexto de ordem pós-tradicional da modernidade, “a autoidentidade se torna um empreendimento reflexivamente organizado” (GIDDENS, 2002:12).

Na sociedade contemporânea, a individualidade adquiriu uma especificidade: o eu passa a ser vivido como projeto reflexivo. Enquanto que nas sociedades tradicionais, a identidade social dos indivíduos era de certa forma fixa, marcada pela tradição, parentesco e localidade; na modernidade, esta se apresenta de forma mais maleável, uma identidade móvel, onde se valoriza as potencialidades do indivíduo. É dessa forma que o “eu” torna-se cada vez mais um projeto reflexivo, em que o indivíduo se vê diante de um mundo de diversidade, possibilidades e escolhas ao seu alcance. Assim, a noção de estilo de vida se apresenta como uma alternativa ao indivíduo que se vê cercado deste contexto de múltiplas possibilidades de escolhas, mas também forçado a fazer escolhas na adesão a um estilo de vida.

O debate sobre identidades sociais e individuais é também foco do trabalho de Hall (2003), que elabora reflexões acerca dos processos identitários no contexto pós-moderno. Segundo o autor, no pós-modernismo, estaríamos vivendo um processo de fragmentação da identidade em que o indivíduo, antes considerado como tendo uma identidade unificada e estável, sendo o instrumento de interação entre sujeito e mundo social, agora se depara com a

chamada crise da identidade, em que o próprio sujeito não possui uma única, mas várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas.

No caso dos nossos interlocutores, a nova condição de vida, o convívio com diferentes atores sociais, com outros hábitos e cultura, além da influência do novo meio social do país que os acolheu são fatores que revelam e abrem um novo *campo de possibilidades* (VELHO, 1994) aos estudantes estrangeiros e que podem fazê-los reconfigurar seus projetos individuais (*Op. cit.*). Os símbolos e signos que anteriormente conformavam uma *definição da realidade* não são mais os mesmos agora compartilhados com outros estudantes e indivíduos que habitam a nova cidade. Tal processo não se dá em situações sempre harmoniosas, ao contrário, no processo de *negociação da realidade* o conflito é dimensão constante e constitutiva do estar no mundo desses indivíduos e assim como parte essencial desse processo.

A heterogeneidade da vida social exige que transitemos entre os mundos sociais distintos, entre as *províncias de significados* (Cf. SCHUTZ, 1979 *apud* VELHO, 1994). Nesse sentido, quanto mais capazes de operar esse trânsito, melhor desempenhamos os diferentes papéis sociais que nos são conferidos em uma sociedade fragmentada e múltipla. O *potencial de metamorfose*, desenvolvido por Velho (*Op. cit.*) para compreender a relação entre a fragmentação social, a construção social da realidade e as possibilidades do indivíduo de criar, modificar e transitar entre lugares, códigos e redes de significados (GEERTZ, 1989), aparece como conceito fundamental para este estudo, na medida em que percebemos como os estudantes reformulam suas formas de interagir a partir de situações específicas e novas. A possibilidade de adoção dos estilos de vida diferentes daqueles compartilhados em seus países, e o processo de identificação com grupos do novo meio social que o estrangeiro se encontra são relevantes para entender a constituição de uma nova identidade.

As inconstâncias, flutuações e descontinuidades que marcam o processo de constituição das identidades dos jovens são resultado de estruturas sociais cada vez mais fluidas em que as perspectivas de futuro aparecem como incertas e flexíveis. O processo de elaboração de uma nova identidade possui formas específicas e particulares de manifestação. A reflexão acerca das identidades dos jovens contribui para este estudo, na medida em que lidamos com jovens estrangeiros e *projetos individuais* de formação profissional e de experiências de vida. A temática da identidade juvenil perpassa a questão dos processos de *identificação* com o outro, é a chamada *busca de si*, onde a consciência da identidade individual só é possível pelo reconhecimento do outro. Mesmo que a busca dessa identidade

individual seja dada como resultado de experiências individuais, deve ser considerada como fruto de ritualizações próprias de experiências coletivas (PAIS, 2006). Assim, nas culturas juvenis há uma preocupação com a aparência, mais ligadas a experiências do que consciências, na busca por uma espécie de reconhecimento intersubjetivo, num caráter de alteridade generalizada⁷.

Outro fator importante e que merece destaque no contexto contemporâneo refere-se à predominância das novas tecnologias informacionais e de seu impacto no mundo juvenil. Os jovens demonstram cada vez mais o domínio sobre as ferramentas disponíveis deste meio, criando novas formas de sociabilidade no mundo virtual. Ao considerar este espaço virtual como cenário que colabora para a construção das identidades dos jovens, temos que este mundo de ficção é propício ao corresponder às expectativas de alguns jovens na interação com desconhecidos, através da criação de personagens, construindo, segundo Goffman (*apud* PAIS, 2006) *identidades projetadas*.

Nesse sentido, podemos notar que a sociabilidade dos jovens estrangeiros no espaço virtual é muito presente, pois na maioria das vezes, este é o espaço de comunicação dos estudantes com seu país de origem. Muitos mantêm contato com amigos e parentes através do mundo virtual, utilizando sites de relacionamento como um meio de compartilhar a experiência de intercâmbio com seus compatriotas, através da exibição de fotos, vídeos que mostram detalhes do cotidiano desses jovens, as novas amizades, as viagens e lugares visitados. Tal ferramenta se torna importante para manter seus parentes atualizados sobre as novas situações vividas pelo estudante, tanto quanto para formar novas redes de sociabilidade.

A prática de estar conectado com o mundo através das ferramentas de comunicação global é uma das formas por meio da qual os estrangeiros procuram manter a proximidade e conservar os laços sociais que deixaram em seus países. Através da análise desses espaços virtuais, e com as declarações dos interlocutores, foi possível identificar traços de reafirmação das origens dos indivíduos, das práticas e costumes vivenciados antes do intercâmbio, manifestadas nestes sites de relacionamentos virtuais. Em alguns desses sites, que fazem parte do cotidiano virtual dos universitários estrangeiros, encontramos comunidades que exaltam a nacionalidade e o patriotismo. Para Olivia⁸, 21 anos, a relação com seu país, do Leste

⁷ Para uma análise mais detalhada sobre as culturas juvenis ver ALMEIDA, M. Isabel Mendes de; EUGENIO, F.(Orgs.). "Culturas Juvenis: novos mapas do afeto". Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

⁸ Todos os nomes utilizados são fictícios para preservar o anonimato e privacidade dos interlocutores e ao invés do uso do nome dos países, optamos por nos referirmos apenas ao continente ou região a fim de garantir o anonimato dos mesmos.

Europeu, é constantemente reafirmada na medida em que mantêm contato com seus amigos e familiares através de um site de relacionamento voltado para o público europeu. Olivia está em Uberlândia há um ano e meio, faz mestrado em Engenharia Mecânica e afirma que a internet é uma ferramenta importante de conexão com seu país. Mesmo declarando que gosta de fazer novas amizades e afirmando que conheceu muitos brasileiros, Olivia conta que não quis participar de nenhum site de relacionamento brasileiro, pois já participava de um site europeu, o que lhe permitia contato com seu grupo mais próximo e isso “já era o suficiente”, como afirma. Outros estrangeiros disseram não gostar de interagirem por meio destes sites, mas mesmo assim utilizam ferramentas de comunicação em tempo real, como Messenger e Skype para interação com seus amigos e parentes dos países de origem.

Percebe-se a importância do mundo virtual na manutenção das redes e laços de sociabilidade já existentes nos países de origem dos estudantes. Mas faz-se importante considerar também a possibilidade dos estrangeiros de permanecerem em contato com os novos amigos que fizeram no intercâmbio, até mesmo após o retorno para seus países. Diante dessa conectividade e aproximação, é cada vez mais expressivo o número de jovens que aderem a tais recursos virtuais nas suas práticas cotidianas. Para os jovens estrangeiros, esses suportes foram uma inovação tecnológica fundamental que contribuiu na comunicação e sociabilidade com outros indivíduos, considerando a condição de fluxo e circulação que estes estudantes se encontram.

3.2. Circuitos e trajetos de lazer dos estrangeiros na cidade

As formas de percepção dos espaços urbanos pelos estrangeiros através das práticas de lazer nos permitiu perceber como, apesar da importância da manutenção do contato com pessoas dos países de origem, os novos laços de sociabilidade se constituem, impondo-nos ainda outra tarefa: a de identificar os *pedaços* da cidade compartilhados pelos jovens estrangeiros e os *circuitos* percorridos na cidade.

Entende-se *pedaço* como o espaço intermediário entre o público e o privado. Este espaço configuraria a existência de uma sociabilidade mais ampla do que aquela estabelecida nos círculos familiares, porém mais densa e próxima do que a de relações formais impostas pela sociedade, esta última de caráter individualizante (MAGNANI, 2007). A lógica do pedaço se daria por relações de proximidade e cumplicidade, aspectos facilmente reconhecíveis numa vizinhança de bairro, mais do que no centro da cidade, como demonstrou

Magnani ao discutir as diferentes formas de sociabilidade no espaço urbano, quando se trata de centro e periferia de uma metrópole.

Apropriando-nos de tal categoria, o pedaço dos estudantes estrangeiros foi identificado de acordo com as circunstâncias de moradia e atividade praticada pelos interlocutores. Como para um grupo de estrangeiros da UFU que moram num mesmo pensionato, fazem festas no local e compartilham atividades cotidianas em conjunto. Não é um laço tão sólido como das relações familiares, mas com certo nível de estabilidade, pois se trata de companheiros de morada. Outro pedaço identificado é o espaço compartilhado por estrangeiros dentro da própria universidade. Os laboratórios da Engenharia Mecânica concentram um número considerável de estrangeiros, de diversas nacionalidades e em diferentes níveis de formação, que se encontram ali para realizarem suas atividades acadêmicas e que compartilham da condição de estrangeiros e estudantes de Engenharia Mecânica. Tal espaço tornou-se mais do que um local de estudo, foi convertido ainda em *locus* de sociabilidade, ponto de encontro, em um ambiente onde se sentem seguros, se reconhecem e podem compartilhar experiências e momentos significativos.

Os jovens estrangeiros compartilham, em determinadas situações, dos mesmos circuitos que os universitários uberlandenses, isso ocorre pela proximidade dos estrangeiros com os estudantes brasileiros. *Circuitos* são aqueles espaços, estabelecimentos e equipamentos que possuem como característica o exercício de determinada prática ou oferta de determinados serviços, que não são contíguos na paisagem urbana, mas são reconhecidos apenas pelos seus usuários (MAGNANI, 2010).

Os *circuitos* de lazer dos estudantes estrangeiros na cidade são formados por bares, casas de show, além de *shoppings centers*, parque, cinema, teatro, enfim, os locais onde predominam o público jovem. Há ainda certa diversidade no que diz respeito aos estilos dos espaços frequentados. Como é o caso de Pablo, 23 anos, que veio de um país da América do Sul, estudante de Engenharia Mecânica, cujo período de duração do seu intercâmbio foi de um semestre letivo. Pablo contou de seu envolvimento com as artes cênicas na sua cidade, não apenas como espectador, mas também exercendo a atividade de ator amador paralelamente aos estudos. Por isso seu programa favorito é assistir a peças de teatro.

Em Uberlândia há alguns espaços utilizados para encenação de espetáculos artísticos, entre eles o principal é o Teatro Rondon Pacheco, localizado no centro da cidade. São realizados no local, além de espetáculos cênicos, apresentações de dança, recitais, shows etc. É um espaço cultural muito frequentado pelos uberlandenses, principalmente das classes

médias e altas, entre os vários grupos dessas camadas, estão os universitários. Pablo fala que além dos espetáculos que assistiu no Teatro Rondon, também costuma assistir os espetáculos apresentados pelos alunos do curso de Teatro da UFU, foi assim que estabeleceu relações de amizade com estes e conheceu circuitos mais específicos desses atores.

Mas Pablo também frequenta bares, festas em repúblicas e vai aos shows que acontecem no Centro de Convivência da UFU, localizado no Campus Santa Mônica, onde está a maioria dos cursos de ciências humanas e exatas. Este espaço é utilizado pelos estudantes da universidade para eventos promovidos geralmente pelos diretórios estudantis dos cursos da UFU e se transforma num espaço de sociabilidade e encontro dos estudantes, com atrações artísticas de diversos estilos como bandas de rock, grupos de samba, duplas sertanejas etc. Também podemos considerá-lo parte do *circuito* dos estrangeiros, já que os demais entrevistados também afirmam ter o costume de frequentá-lo em seus *trajetos* de lazer na cidade.

Em relação aos outros espaços de lazer, Pablo chamou a atenção para os bares e o fato de haver muitos deles ao redor da universidade, o que intensifica a presença dos universitários nesses locais, tanto pela proximidade com suas residências (muitos estudantes moram em repúblicas e pensionatos próximos à universidade) como em razão de horários de funcionamento bem flexíveis. Em sua cidade natal, de médio porte, localizada na região oeste de seu país, afirma que os estudantes costumam sair só aos finais de semana, como era o seu caso, pois fazia estágio e não tinha tempo livre no decorrer da semana. Aqui, ele frequentemente sai com os amigos para os bares, não importa o dia da semana.

Notamos que há certa preferência para outro local bastante movimentado na cidade que é o *shopping*. Assim, o Center Shopping é considerado um dos locais de lazer favoritos para diferentes grupos da população uberlandense⁹. Pela sua localização, próximo da Universidade, muitos estudantes costumam frequentá-lo para as mais diversas finalidades: ir ao cinema, fazer compras, utilizar a praça de alimentação, ou mesmo como um espaço de encontro com os amigos. E com os estrangeiros também acontece o mesmo. Como no caso de Luisa, 24 anos, que curso o 5º período de Ciências Sociais e, tal como em seu país, localizado na costa ocidental da África, não frequenta bares e danceterias em Uberlândia, pelo fato de ser

⁹ Consultar, por exemplo, SILVA, Felipe. O. ; BARRETO, Alessandra. S. Dissolução na bebida: O senso de si do pesquisador. Memórias e Reflexões Teóricas: 10ª Turma de Ciências Sociais. 1ª ed. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2010, v. 1, p. 77-90 e O que é ser Otaku? Um estudo sobre identidade juvenil e gênero em Uberlândia (MG). In: IV Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, 2010, Belo Horizonte. Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades, 2010.

evangélica, como ela própria afirmou. Um de seus programas de lazer favoritos é passear no *shopping* para “olhar as vitrines”. Já Ana diz que apesar de gostar de ir ao *shopping* para fazer compras, prefere ir ao centro da cidade, que possui mais opções e preços mais acessíveis. Ana é sul-americana, tem 22 anos, está no 9º período de Engenharia Mecânica. Gosta de sair para bares no centro da cidade, como o Open House, bar muito frequentado por universitários e jovens. A decoração do bar é composta por fotos de bandas e artistas de rock coladas na parede, há mesas de sinuca e o estilo musical predominante é o rock. Está localizado numa região de concentração de bares e danceterias no centro de Uberlândia. Além de ir a esses tipos de bares, Ana também gosta de participar de festas da turma de faculdade, geralmente realizadas em repúblicas de estudantes.

A identidade desses jovens estrangeiros é reelaborada a partir de suas variadas experiências e, nesse caso, a identificação desse público com os atores do novo espaço social que se encontram. A princípio, nota-se certo tipo de estranhamento com o ambiente, *a priori*, desconhecido. Nesse ponto, a questão da imagem construída pelos estrangeiros antes de conhecer o país já define algumas prenoções sobre este, onde a mídia tem grande influência na formulação e veiculação dessas imagens. Uma das entrevistadas afirmou que ficou surpresa com a presença de prédios e indústrias na cidade de Uberlândia, “achei que chegaria aqui e iria encontrar só mato. Mas me surpreendi com a quantidade de prédios e indústrias!” (Entrevista realizada com Ana em 20/11/2009). Revelam, dessa forma, que alguns desses estrangeiros possuem uma imagem de ruralidade e pouco desenvolvimento industrial de regiões localizadas no interior do Brasil, bem como imagens pré-formadas sobre temas relacionados à violência, pobreza e corrupção.

Outra impressão que os estrangeiros trazem ao desembarcar no Brasil é sobre a música brasileira. A maioria dos entrevistados, de alguma forma, revelou afinidade com os ritmos e estilos musicais nacionais. A relação dos jovens com a música é outra questão importante, na medida em que esta funciona como elemento de integração entre eles. E no caso dos estrangeiros, há um compartilhar de gostos musicais com os brasileiros, pois não só os estrangeiros apreciam a música brasileira, mas também compartilham com seus amigos o gosto por outros estilos musicais considerados mais globais.

Os hábitos de lazer e consumo artístico-cultural dos estrangeiros demonstram a afinidade e apreço em relação aos hábitos culturais locais. Afirmaram gostar de música brasileira, até mesmo antes de conhecerem pessoalmente o Brasil; também leem autores da nossa literatura, como José Mauro de Vasconcellos e Paulo Coelho, escritores brasileiros

conhecidos no exterior. Uma de nossas interlocutoras, Paula de 28 anos, relatou que conhecia as músicas do cantor Roberto Carlos, sendo ele muito famoso em seu país, localizado na região da costa ocidental da África; e também conhecia MPB (Música Popular Brasileira), como figura central desse estilo o cantor Chico Buarque. A maioria dos estudantes disse apreciar o samba, como estilo musical que mais caracteriza o Brasil. Isso nos permite refletir como a imagem do Brasil veiculada nos meios de comunicação, como o país do carnaval e do samba, influencia na construção de uma visão do país pelos estrangeiros. Notamos a maneira como se estabelecem as trocas materiais e simbólicas, postas através da experiência desses jovens com o novo ambiente através da música, hábitos de lazer, vestuário, linguagem, agregando múltiplos elementos para a constituição de suas identidades. É importante perceber que nesses processos de identificação, o consumo adquire um lugar de destaque na composição de estilos de vida dos jovens, mas não de forma passiva ou ainda absoluta, ao contrário, esses jovens combinam elementos de suas culturas de origem com os da cultura local ressignificando elementos de ambas.

A imagem que associa o samba à identidade nacional, apontada pelos estrangeiros que consideram o ritmo como uma das manifestações culturais que representa o país no mundo, não foi criada por acaso. O processo histórico percorrido pelo samba até sua consagração foi tortuoso. Considerando sua origem popular, criação de músicos negros pobres, moradores dos morros cariocas, o samba era visto até então como um ritmo marginalizado. No entanto ganhou reconhecimento nas décadas de 1920 e 1930, com um interesse das elites pelas "coisas brasileiras". Tal transformação não se deu de forma repentina, mas foi, como destaca Hermano Vianna (1995:34) "o coroamento de uma tradição secular de contatos entre vários grupos sociais na tentativa de inventar a identidade e a cultura popular brasileira".

Dessa forma, o samba foi ganhando espaço nas camadas mais altas da sociedade brasileira, bem como um notável reconhecimento internacional. Percebemos o reflexo desse processo histórico na fala dos estrangeiros, que imediatamente associam a imagem do Brasil ao ritmo popular. Assim além das figuras centrais de representação da MPB, dentre as mais citadas encontra-se a de Chico Buarque, também há outros artistas como Tim Maia e Jorge Ben Jor, que geralmente estão nas novas preferências musicais dos estrangeiros, adotadas após a vinda para o Brasil. Tomando o caso de Pablo, que afirma ter tido contato com esses artistas através da influência dos amigos brasileiros, que são na maioria universitários e fazem parte de um grupo de samba que ocasionalmente se apresenta em bares ou no centro de convivência da UFU. Pablo sempre prestigia os shows. Mais uma vez, a música aparece como

elemento de integração entre os jovens brasileiros e estrangeiros, contribuindo na integração e como possível elemento de reelaboração das identidades desses jovens estrangeiros.

3.3. Redes e sociabilidade

Ao buscar compreender de que maneira se estabelecem as relações entre os jovens estrangeiros, como interação entre si e com os estudantes brasileiros, é importante pensar nas formas de sociabilidade presentes em tais situações.

A questão da sociabilidade foi tratada por vários autores, sendo que o conceito foi originalmente criado por Georg Simmel (1858-1918), que posteriormente seria ressignificado por algumas correntes teóricas, das quais destacaremos aqui a discussão da Escola de Chicago, pioneira na prática etnográfica voltada para o contexto urbano. Assim, em Simmel, este conceito nos permite compreender a organização da sociedade. A sociabilidade é:

um tipo ideal entendido como o “social puro”, forma lúdica arquetípica de toda socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécie de jogos, nos quais uma das grandes regras implícitas seria atuar como se fossem todos iguais.(FRÚGOLI: 2007, p.9).

Dessa maneira, as diversas formas de sociabilidade teriam ações de reciprocidade conscientes entre os indivíduos, pois na concepção de Simmel não há eventos que tenham significados intrínsecos ou fixo, estes emergem em interação com outros eventos. Outra contribuição de Simmel a respeito da sociabilidade inclui a modalidade de *conversa* como aponta Frúgoli (*Op.cit.*). É o meio pelo qual se mantém o vínculo social enquanto forma, ou seja, é através das trocas de palavras e por meio de regras de amabilidade e etiqueta que os sujeitos preservam a relação em curso. Mas essa relação possui traços de fragilidade e fluidez, podendo ser quebrada a qualquer momento.

Na concepção de diversos pesquisadores da Escola de Chicago, o conceito de sociabilidade seria resgatado de forma mais empírica, assim “entendida como uma consideração dos modos, padrões e formas de relacionamento social concreto em contextos ou círculos de interação e convívio social.” (FRÚGOLI, 2007:17). Tal como propunha um dos principais nomes dessa Escola, Robert Park, a sociabilidade foi tomando contornos mais concretos – como a convivência, interação, socialização, assim como uma localização espacial mais precisa. Seguindo por este raciocínio, as ideias de Park sugeririam a reflexão sobre duas dimensões a partir das conexões entre cidades e sociabilidade: uma organização

física e uma ordem moral, propondo-se a circunscrever espacialidades e territorialidades específicas onde tais relações teriam lugar (PARK, 1967).

No caso estudado, as formas de sociabilidades dos estudantes estrangeiros da UFU se dão pelas afinidades resultantes da convivência em determinado meio social. Como, por exemplo, ao questionar sobre as amizades e o círculo social que cultivavam ao se estabelecerem no país, alguns entrevistados relataram que já conheciam estudantes da UFU, de experiências dos brasileiros em intercâmbio no país deles. Sendo este também um dos fatores de escolha dos estudantes estrangeiros pela cidade de Uberlândia para realização do intercâmbio, pois já conheciam estudantes da UFU. Percebemos assim, que estes jovens estrangeiros buscam interagir com atores que já apresentam certo tipo de convivência decorrente de experiências em comum, vividas anteriormente de forma presencial ou mesmo virtuais.

A prioridade de redes de relacionamentos com universitários é notável. A maioria dos entrevistados afirmou manter amizades com o público predominantemente de estudantes universitários, participando de festas da faculdade, frequentando bares e danceteria, o que nos revela, assim como apontado por Park, aspectos da dimensão da constituição de "espaços" presente nas relações de sociabilidade. Porém, a referência ao espaço aqui não deve ser entendida de forma rígida e claramente demarcada, pois como esses estrangeiros são atores em deslocamento, onde o trânsito e a circulação fazem parte da experiência cotidiana, a constante busca pela descoberta das diversidades e das possibilidades de troca simbólica e material é algo que motiva esses indivíduos a não se fixarem em determinados territórios. A territorialidade no caso aqui tratado teria um caráter de maior fluidez e flexibilidade. Assim como alguns dos nossos interlocutores gostam de rodas de samba, também frequentam os teatros e têm amizades com atores e pessoas envolvidas com as artes cênicas. As redes sociais desses jovens são bem amplas e diversificadas, não se restringindo a um território ou espaço social específico.

O conceito de rede social também é relevante para a presente discussão, pois nos remete aos diversos contatos que os estrangeiros estabelecem quando chegam à cidade criando novas configurações de interação social, não se limitando também a se vincularem a um grupo específico, uma espécie de "galera estrangeira", e isso os enquadra na noção de

quase grupo¹⁰. Assim, algumas especificidades destes atores nos levaram a atribuí-los tal característica.

No caso dos estudantes estrangeiros, alguns fatores em comum contribuem para a interação entre estes: a questão da língua, pois alguns estudantes de diferentes nacionalidades se comunicam em uma língua padrão, geralmente o inglês; a própria condição de estrangeiros, que fazem com que se aproximem na busca por compartilhar suas experiências de intercâmbio, ou mesmo a questão da nacionalidade em comum, o que é explicado pelos convênios da UFU com as outras universidades estrangeiras, que muitas vezes possuem políticas mais acessíveis e atraem o interesse de vários estudantes de um mesmo país. É o caso dos estudantes com os quais mantivemos contato mais próximo, como os do continente sul-americano, as estudantes da África do sul e as estudantes do leste europeu - estas vieram para a Uberlândia por intermédio de um professor de seu país que leciona na UFU.

Assim, percebemos que não há uma uniformidade entre esses atores que os enquadrariam na condição de grupos, mas mesmo que as relações que se estabelecem entre eles sejam temporárias e fluidas, também fazem parte dos processos sociais vividos e contribuem para a constituição das novas identidades desses jovens. Ao se pensar na noção de *quase grupo* e das interações estabelecidas no caso estudado, faz-se importante retomar a discussão de outro termo como uma alternativa para aprendermos essas configurações, também presente no debate de estudos relacionados às sociedades complexas, que são as chamadas *redes sociais*.

As redes sociais construídas pelos estrangeiros seriam tal como apontado por Barnes (*Op. cit.*), construídas por vínculos, predominantemente mutáveis e instáveis, dada a condição de mobilidade que se encontram. Com isso, além das relações com o meio universitário, também existem vínculos que extrapolam essas fronteiras, tais como amizades com pessoas de meios sociais diversos, que não sejam estritamente de universitários. Com os depoimentos, percebe-se certa intermediação dos amigos universitários nas redes sociais criadas pelos estrangeiros. Nesse sentido que Barnes fala de redes como “um conjunto de pontos unidos por linhas”, e aqui as linhas seriam os amigos universitários dos estrangeiros que fazem a

¹⁰ Para uma análise mais detalhada sobre quase grupos e redes sociais, ver: BARNES, J. A. “Redes sociais e processo político” (1969); BOISSEVAN, Jeremy. “Apresentando amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões” (1974 p.1-23); MAYER, Adrian C. “A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas” (1966); MITCHELL, J. Clyde. “A dança kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte” [1940]. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). “Antropologia das sociedades contemporâneas”. São Paulo: Global, 1987.

intermediação da interação entre os estrangeiros e outros círculos sociais. Por exemplo, Luisa fala que as amigas, que moram junto com ela numa república de estudantes, costumam levá-la para as cidades onde moram seus familiares, e assim Luisa criou vínculos com a família de suas amigas e os amigos destas. Disse ter se dado muito bem com eles e que, sempre que pode, volta à cidade para revê-los.

Outro aspecto que destacamos refere-se ao fato de alguns estrangeiros entrevistados não restringirem a interação a outros estrangeiros, mesmo que estes estejam ligados por vínculos sociais próximos, como a atuação de uma mesma área de conhecimento ou a chance de compartilharem moradia etc. Às vezes, até evitam estabelecer muita proximidade com outros estrangeiros. Foi assim com Olivia. Ao chegar na cidade disse que preferiu morar com brasileiras, ao invés de outras estudantes de seu país ou estrangeiras:

Quando cheguei, até tinha a escolha de morar com outra [suprimimos a referência nominal ao país de origem], mas preferi morar com brasileiras porque poderia aprender mais coisas sobre o Brasil, além de poder praticar mais o meu português. Olivia (Entrevista realizada em 02/06/2010).

Percebemos que as redes de sociabilidade dos estrangeiros são baseadas na constante interação com diferentes atores de variados meios sociais, revelando a possibilidade e desejo de contato dos jovens estrangeiros com diferentes grupos, permitindo o partilhar de experiências com os brasileiros e pluralizando a sua experiência de intercâmbio.

4. Trajetórias, carreiras e projetos individuais

A condição de estudantes em mobilidade faz dos estrangeiros indivíduos em trânsito, e dessa forma é importante considerar as constantes trocas simbólicas e as experiências múltiplas vividas que colaboram para a nova identidade formada a partir desses processos de identificação. Procuramos apresentar ao longo deste artigo essa discussão. Mas um novo elemento que contribui nesse processo de experiência de intercâmbio estudantil ainda não foi discutido: é o debate sobre carreiras.

A trajetória profissional é para todos os estudantes estrangeiros com quem tivemos contato, um projeto individual que os motiva a concretizar os planos de intercâmbio e, mesmo

que não seja a única razão que justifique a viagem, é uma das prioridades para a maioria deles.

O debate acerca das profissões tornou-se, nos últimos anos, um tema legítimo de investigação no âmbito acadêmico. Para uma demarcação mais concreta dos estudiosos que se propuseram a entender os processos de profissionalização, situamos tal debate no campo da chamada Sociologia das Profissões (ALMEIDA, 2010). No entanto, percebemos uma pluralidade de definições conceituais acerca do objeto de estudo dessa disciplina, a partir de correntes teórico-metodológicas com diferentes enfoques, proporcionando múltiplas perspectivas. As principais correntes teóricas que se debruçaram sobre a questão são: o funcionalismo, o interacionismo e as correntes neo-weberianas¹¹.

Considerando que o debate proposto neste artigo não pretende aprofundar na discussão de cada uma dessas correntes, utilizamos como matriz para a análise do caso dos universitários estrangeiros a corrente interacionista para que possa revelar comportamentos, atitudes e valores desses atores sobre a questão do trabalho e a profissionalização no mundo atual e globalizado. Nessa perspectiva, as abordagens mais significativas foram feitas pelos estudiosos da Escola de Chicago que, com uma proposta teórico-metodológica inovadora, buscaram investigar as profissões no campo da análise sociológica da divisão do trabalho. Um dos principais nomes que contribuiu no debate acerca das profissões e carreiras foi Everett Hughes¹² e sua proposta consistiu em englobar todas as atividades de trabalho, onde as práticas ocupacionais deveriam ser reconhecidas como atividade profissional e assim tornarem-se passíveis de interesse da análise sociológica. Hughes afirmava que, mais importante do que definir um conceito de profissão, era “identificar as circunstâncias segundo as quais as ocupações se transformam em profissões” (*apud* RODRIGUES, 1997). Em sentido parecido, Becker (2008) realizou estudo sobre carreiras desviantes de músicos de casa noturna, desenvolvendo análise de práticas, valores e identidades desses atores.

A concepção de carreira para Hughes deve ser compreendida a partir de diferentes aspectos de acordo com os períodos históricos. Em comparação com as sociedades tradicionais, nas quais as carreiras seriam definidas por uma série de privilégios e profissões pré-estabelecidas, nas sociedades modernas, denominadas pelo autor de *free society*, o indivíduo tem mais liberdade para definir sua trajetória profissional, há possibilidade de

¹¹ Ver GONÇALVES, Carlos Manuel. Análise Sociológica das Profissões: principais eixos de desenvolvimento. Revista de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto número 17/18, p. 177-223.2007.

¹² Seus principais textos que tratam sobre diversas áreas da análise sociológica, incluindo a temática sobre carreiras encontram-se compilados em “The Sociological eye” (Hughes, 1971).

escolha entre as múltiplas opções existentes. No entanto, o autor alerta que essa flexibilidade na escolha da vida profissional do indivíduo pode causar falhas e incertezas típicas; porém, a menos que não resulte numa total desordem, haverá conquistas, realizações e responsabilidades. Dessa forma, afirma que “a ordem social colocará limites sobre a orientação na vida dos indivíduos, que serão direcionados pelo esforço e por uma interpretação do seu significado” (HUGHES, 1971:137).

Sob este viés, o interacionismo simbólico parte da perspectiva de análise sobre as interações e os conflitos da profissionalização bem como nos meios e recursos mobilizados nesse processo, chamando assim a atenção para o papel jogado pelas reivindicações e os discursos sobre o saber, na transformação de uma ocupação em profissão” (RODRIGUES, 1997:17-18). Assim, os grupos profissionais, partindo de um princípio do processo de divisão do trabalho, construiriam suas identidades profissionais a partir de um caráter biográfico (DUBAR, 1997 *apud* ALMEIDA, 2010) ou seriam fruto da experiência relacional e social de poder no interior das organizações (SAINSAULIEU, 1996 *apud* op. cit, 2010), o que implica a participação num jogo de atores marcado pela identificação de uma carreira, implicação numa atividade, experiência da estratificação social e das discriminações étnicas e sexuais, dificuldades de acesso aos empregos entre outros aspectos que atravessam o mundo do trabalho (ALMEIDA, 2010).

A partir das conversas com os universitários e dos seus relatos de vida, notamos que a busca por qualificação profissional é um dos aspectos mais destacados por eles. Como é o caso de estrangeiros de várias nacionalidades que vieram estudar Engenharia Mecânica na UFU e que permaneceram por períodos mais prolongados¹³. Assim como fez Javier, 25 anos, que é de um país da América do Sul: está há dois anos e meio em Uberlândia fazendo o Mestrado em Engenharia Mecânica e falou de seus planos de fazer o Doutorado na UFU. Da mesma forma, seu colega de área, Fernandes, 24 anos, do mesmo país, veio fazer Mestrado aqui. Fernandes chegou há pouco tempo em Uberlândia, apenas 4 meses, e declarou que a escolha de vir fazer o mestrado no Brasil é porque não há incentivo para pesquisa em sua área no seu país.

Entre esses estudantes de engenharia, a origem da maioria dos alunos são os países sul-americanos, porém há estrangeiros de outras partes do mundo. Há estudantes de vários

¹³ A princípio, havíamos mantido contato apenas com estudantes de graduação que permaneciam por 1 semestre na universidade. Porém, tivemos a oportunidade de estabelecer contato com estudantes que estavam cursando o Mestrado na instituição.

países, tais como França, México, Espanha, Ucrânia, entre outros. Olivia, como os outros estrangeiros, elogiou a estrutura oferecida no curso pela Universidade, e contou que na área que quer se especializar, o Brasil tem tido notável desenvolvimento. Pensando nos aspectos que contribuiriam para a escolha das carreiras por esses jovens, percebemos uma preocupação em direcionar o foco na trajetória profissional em escolhas que atendam aos seus interesses, na gama de opções que aquela profissão tem a oferecer, mesmo que isso implique ultrapassar as fronteiras territoriais de origem do indivíduo. Ou seja, a busca pela qualificação justifica a mudança para outro país, e o êxito em tal escolha faz com que o projeto do retorno ao seu país seja cada vez menos comum. Como Javier, que já cogita a ideia de permanecer no Brasil quando terminar seu mestrado para fazer o doutorado na UFU.

Por outro lado, há indivíduos que mantêm seus projetos iniciais, de permanência por determinado período, com objetivo de troca de conhecimentos e experiência na futura área de atuação, como é a maioria dos casos dos estudantes de graduação que fizeram parte desta pesquisa. Eles não manifestaram intenção de continuar seus estudos no Brasil, além do período estipulado de intercâmbio. Mesmo demonstrando interesse pelas perspectivas teóricas e práticas de suas áreas de conhecimento aqui, há uma expectativa de volta aos seus países de origem e de novas possibilidades de intercâmbios. Como é o caso da europeia Julienne, de 22 anos, que veio para o Brasil para aprimorar seus conhecimentos sobre produção de eventos culturais, bem como para conhecer como são tratados os eventos culturais no cenário brasileiro, numa tentativa de contribuir para sua prática profissional em seu país. Assim, afirma:

Como quero me profissionalizar na área de organização de eventos culturais, fiz disciplinas nos cursos de comunicação social e artes visuais aqui no Brasil para ter uma visão dos dois lados. Aproveitei em ambos os cursos, as disciplinas que abordavam as discussões sobre cultura. Mas quero voltar e fazer o Mestrado lá. [suprimimos o nome do país] Julienne (Entrevista realizada em 06/08/2010).

Percebemos que, no caso dos nossos interlocutores, as opções e chances de escolha por uma carreira são múltiplas no contexto contemporâneo, assim como acontece com outros jovens. Mas a escolha por uma profissão pode ser definida a partir de uma série de fatores, como o prestígio social, o retorno financeiro, ambições de sucesso na carreira; e neste

processo é importante considerar o caráter biográfico do indivíduo na construção de uma identidade profissional. A trajetória de vida, com os valores e concepções adquiridas pelo indivíduo, através das instituições formadoras, como a família e a escola, serão decisórias no que se refere à construção da carreira profissional. Alguns relatos, como o de Fernandes pode demonstrar isso. Ele conta que seus pais trabalham no campo, mas dão todo o incentivo para os estudos dos filhos, tanto no aspecto financeiro como em motivação pessoal. Tanto que Fernandes teve que se mudar para uma cidade maior, para fazer sua graduação. Também é o caso de Luísa e Paula que, antes de decidirem fazer intercâmbio, já tinham familiares que moravam no Brasil, alguns estudando e outros que já trabalham e estabeleceram residência fixa no país.

As motivações que levam estudantes de diversas partes do mundo a optarem pela experiência de intercâmbio nos leva a pensar a respeito dos *projetos individuais* de cada um desses atores. A noção de *projeto individual*, desenvolvida por Gilberto Velho (1994) refere-se às escolhas que impulsionam os indivíduos, e que podem apresentar elementos muitas vezes contraditórios. No caso dos estudantes estrangeiros, o projeto de fazer um intercâmbio e buscar o aprimoramento nos estudos é aparentemente uma motivação consensual. Porém, através dos relatos, notamos que havia divergências de desejos e dessas motivações, sendo ressignificados na medida em que eles viviam a experiência da mudança. No caso dos estudantes sul-americanos entrevistados, estes não só tinham o projeto de vir estudar, mas também criar maior proximidade com os estudantes brasileiros, dos quais já tinham algum contato antes do intercâmbio. Assim percebemos que esses estudantes estabelecem maior interação com a nova galera, participando das festas em repúblicas, indo a danceterias e bares; ou seja, a sociabilidade apresenta-se mais concreta e estável. Por outro lado, as estudantes sul-africanas parecem não buscar com tanta intensidade laços e vínculos com os colegas de curso ou universitários em geral, seu vínculo de amizade é mais restrito, por vezes, até restrito aos seus compatriotas. Procuram seguir os projetos individuais estabelecidos inicialmente, voltado para os estudos e o desenvolvimento das habilidades acadêmicas. Não se interessam muito em atividades de lazer como ir a festas com um público local mais jovem. Os programas que afirmam gostar são passeios no *shopping*, ao parque, ou caminhadas próximas das residências, pois como uma delas afirmou: “sou mais caseira. Não gosto de sair muito!” Luisa. (Entrevista realizada em 13/05/2009).

Pensar esses estudantes como indivíduos em constante mudança é refletir sobre o *potencial de metamorfose* (VELHO, 1994) e de sua relação ao contexto em que estão

inseridos, contexto este marcado pela fragmentação característica das sociedades complexas. É considerar ainda as experiências diferenciadas vividas por esses atores por meio das passagens e trânsitos nos diferentes mundos, planos e províncias de significados possíveis. Importante considerar que tais indivíduos mantêm uma identidade vinculada a grupos de referência, estabelecida através de mecanismos socializadores básicos, tais como família, etnia, religião, etc. Dessa forma, percebemos motivações diferentes entre os atores do grupo em questão, com suas culturas e nacionalidades particulares. Levando em consideração questões como valores, hábitos e costumes desses jovens em seus países de origem, é possível traçar um perfil desses sujeitos que, algumas vezes, entram em choque com a cultura do novo país e precisam se adaptar a esse novo contexto.

No caso de Luisa, que é evangélica, notamos uma postura mais reservada, buscando resguardar os valores da sua orientação religiosa. Na sua fala, percebemos como as questões da moral são sempre destacadas. Por exemplo, ao perguntarmos sobre festas, se frequenta algum lugar na cidade, afirma logo que não tem costume de sair e em seu país só saía com as amigas para ir numa lanchonete na praça da cidade. Costumava viajar com os jovens da sua Igreja, mas nunca tinha viajado sozinha, sem a família, a não ser nessas ocasiões. Já para Ana, que em sua cidade natal saía com os amigos para festas, cinema e teatro, parece lidar com a questão das novas formas de interação sem marcar uma oposição com suas atividades anteriores, pois se mostrou muito à vontade na entrevista, disse que adora fazer amigos, tanto que conheceu seus amigos brasileiros lá na sua cidade. Assim, questões de moralidade e regras familiares tendem a nortear as atitudes fora de casa, mesmo que não estejam sobre a vigilância e controle da família, ainda que novos padrões também sejam vivenciados por esses atores. Dessa forma, características individuais somadas aos vínculos sociais permite vislumbrarmos um *campo de possibilidade* de suas ações e escolhas, nos fazendo perceber que as distinções entre os grupos sociais nos revelam a importância do estudo desses jovens em circulação, cujas novas possibilidades de definição da realidade e concepções do mundo apresentam um processo de reinvenção dos diferentes papéis sociais num contexto de fragmentação e multiplicidade das sociedades modernas.

5. Considerações finais

Não nos parece factível atualmente falarmos em uma “identidade una” *stricto sensu*, e sim em processos de identificação que remetem à criação — assim como à dissolução e recriação — de espaços de significação. Pensar apenas nos limites territoriais ou na configuração das próprias fronteiras físicas significaria reificar algo estático, o não movimento, negando a fluência como constitutiva dos novos processos de identificação. A “frouxidão” desses limites, do trânsito constante dos indivíduos reinventa este “espaço”. Sendo assim, as cidades se apresentam como coleção de lugares, o que implica um sensível partilhado, uma experiência comum que em maior ou menor escala marcou a ocupação, o crescimento e as imagens sobre o espaço (para dentro e para fora), corroborando por fim um ethos local, assim como marca relações e representações nos contatos mistos sobre quem são esses atores, quais seriam suas características etc. Reforçando tal vivência com imenso potencial transformador — e não restrito aos jovens das grandes cidades — enquanto uma experiência sobre o espaço e a partir deste, o trânsito foi por nós apreendido como uma constante nas vidas das pessoas.

Recorrendo às trajetórias de atores sociais que atuam na cidade, e dialogando com trabalhos mais recentes que enfocam este “lugar” de maneira mais o menos sistemática, mapeamos algumas práticas e discursos sobre a relação entre identidades, diversidade cultural, representações, mediação e imagens da cidade. No entanto, nessa empreitada, o processo de mobilidade e a experiência de inserção em um novo país não significam um cosmopolitismo homogêneo, entendido de forma simples e linear. Pelo contrário, a condição de ser cosmopolita permite o acesso a um complexo conjunto de códigos, culturas, estilos de vida, visões de mundo que transformam o indivíduo em alguém capaz de transitar entre os distintos grupos e códigos e, por vezes, tornar-se mediador (VELHO, 2010). O caso estudado mostra como as referências entre as diferentes culturas emergidas dos contatos transnacionais não é uma via de mão única. Assim como os estudantes estrangeiros demonstraram nas suas falas sua imersão em uma nova cultura, no caso do Brasil, dançar o samba, conhecer novos hábitos alimentares e aprender português, os brasileiros também são afetados pela convivência com hábitos e costumes de seus amigos estrangeiros, apreciando os estilos musicais, as danças, a literatura, aprendendo o idioma mostrando assim que há um movimento recíproco no processo de interação social.

A perspectiva de pensar uma identidade em fluxo nos permite entender melhor esse movimento transnacional em que os estudantes em mobilidade se encontram e que a influência de elementos identitários do país de destino agregam valores às suas próprias identidades, que não pode ser entendidas num sentido local e único. Apreender a maneira pela qual os indivíduos (re)elaboram seus próprios processos de abertura e fechamento é uma das formas de compreender o mundo social ao seu redor e o viés para se refletir sobre fluxos e identidades na contemporaneidade (BARRETO, 2010).

O desejo de participar de uma experiência de intercâmbio faz dos jovens indivíduos "do mundo", mesmo que a vinculação à uma certa localidade e aos laços familiares ou mesmo às raízes da sua terra natal sejam expressas por tais atores como vínculos importantes. Sabemos das restrições financeiras enfrentadas por alguns desses indivíduos, principalmente daqueles oriundos de países em desenvolvimento econômico que revela aspectos elitizados dos fluxos transnacionais que, como afirma Friedman (2000), "revelariam um mundo transnacional das elites". No entanto, com o aumento dos fluxos de pessoas de diferentes status econômicos que entrelaçam países e continentes, aumentaram as chances de que sujeitos de diferentes classes econômicas incorporassem em seus projetos de vida opções de mobilidade transnacionais (MORALES, 2011). No caso dos estudantes estrangeiros, o crescente número de acordos e convênios com instituições em todo mundo, incluindo entre esses os países em desenvolvimento, abriu caminhos para que estes jovens projetassem suas escolhas para uma experiência de transnacionalidade.

Identificamos, dessa forma, que dentre os casos estudados um fator impulsionador para a escolha da mobilidade internacional é a questão das carreiras profissionais. Pensar numa experiência de qualificação internacional na carreira acadêmica é um aspecto que motiva os jovens a distanciarem de suas famílias, amigos e abandonarem seus países de origem, mesmo que temporariamente, para se lançar nos fluxos e malhas globais em busca do tão almejado sucesso profissional. Tal como Fernandes e Javier afirmam que se tiverem melhores oportunidades, permanecerão aqui. No caso de Javier, ele já é professor e se fixou de forma mais estável em Uberlândia. Fernandes havia chegado há pouco tempo, mas já cogitava a ideia de fazer o doutorado aqui também.

Como sou Engenheiro, já morei em várias cidades lá [suprimos o nome do país]. Vou para onde tiver oportunidade de emprego. Já tem dois anos e oito meses que moro aqui, consegui fazer o mestrado e

agora estou no Doutorado. As oportunidades aqui para minha área são bem melhores. Por isso decidi fixar raízes em Uberlândia. Javier. (Entrevista realizada em 18/06/2010)

No meu país não tem ramo para pesquisa. Se quiser trabalhar como Engenheiro, tem vagas de emprego, mas não para pesquisa. Por isso vim para o Brasil, o ramo aqui está crescendo e se tiver oportunidade, quero fazer o doutorado aqui também. Fernandes. (Entrevista realizada em 21/06/2010)

Assim, a questão do conhecimento especializado, que se tornou uma das principais fontes de produção e reprodução do capitalismo, é um dos fatores explicativos da grande circulação de profissionais transnacionais, como mostra Claudelir Clemente (2009). Percebemos como a questão da carreira profissional é um motivo, mesmo que não seja o único, mas decisório nas escolhas dos universitários pela opção de mobilidade internacional, que traz em seu bojo as formas de sociabilidade e a referência aos processos identitários.

A distância física entre países e pessoas não se coloca como impedimento de interações e novos espaços sociais de sociabilidade e de identidades são criados a partir da circulação e fluxos de informação, objetos, pessoas, bens (reais e simbólicos). A forma como etnografar esses fluxos cruciais ao cotidiano desses indivíduos e grupos foi outra questão fundamental. Nesse intuito, buscamos apresentar alguns dos elementos que nos ajudaram a entender como os jovens constroem seus laços e suas interações e o impacto dessas em suas identidades. Em um mundo globalizado, cujas fronteiras tornam-se fluidas, as formas de comunicação cada vez mais diversificadas, a informação ganha novos veículos e as tecnologias ganham espaço no cotidiano, os jovens reinventam as formas de interação e se colocam como atores decisivos para pensarmos o mundo contemporâneo e suas possibilidades.

6. Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Siqueira Barreto, pelo acompanhamento paciente e atento deste trabalho, pelo apoio e incentivo dado no desenvolver da pesquisa.

Agradeço ao CNPq, pelo auxílio financeiro que possibilitou a realização deste trabalho, e à Universidade Federal de Uberlândia, juntamente com a Agência de Intelecto desta Universidade. Também gostaria de agradecer à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis, que disponibilizou recursos para a viagem de apresentação desta pesquisa na 27^a Reunião Brasileira de Antropologia. Aos professores do curso e colegas, pelos incentivos recebidos e pelas ideias compartilhadas.

7. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, António José. Contributos da Sociologia para a compreensão dos processos de profissionalização. **Mediações**, Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal, v. 1, n. 2, p. 115-127. 2010.
- BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos**. São Paulo: Global, 1987.
- ALMEIDA, M. Isabel Mendes de; EUGENIO, F.(orgs.). **Culturas Juvenis: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos**. São Paulo: Global, 1987.
- BARRETO, Alessandra Siqueira. **Trânsitos Urbanos: fluxos, mediações e identidades no mundo contemporâneo**. Projeto de Pesquisa financiado pela FAPEMIG, 2009-2011.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOISSEVAN, Jeremy. Apresentando amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos**. São Paulo: Global, 1987.
- BOTT, Elisabeth. **Family and Social Network**. London: Tavistock Publications, 1971.
- CORREA, Claudelir. **Reunión de Antropología del Mercosul**, Buenos Aires, Argentina, 2009.
- FRIEDMAN, J. **Globalization, Class and Culture in Global Systems**. Journal of World-Systems Research, 2000.
- FRÚGOLI, Heitor Jr. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HUGHES, Everett C. **The Sociological Eye: selected papers on institutions & race**. Chicago: Aldine Atherton, 1971.
- MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.
- _____. Introdução: Circuito de Jovens. In: MAGNANI, J.G.C., SOUZA, B.M.; **Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- _____. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole**. NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível : <<http://www.n-a-u.org>>. Acesso em: 19 mai. 2010.
- MAYER, Adrian C. A importância dos “quase grupos” no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos**. São Paulo: Global, 1987.
- MENDOZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-195). **Sociologias**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 440-470, jun/dez 2005.
- MORALES, Anamaria. **Migração do Norte para o Sul tropical e os imaginários da globalização**. IX Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba/PR.10-13 julho/2011
- PAIS, J. M. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. Isabel Mendes de; EUGENIO, F.(orgs.). **Culturas Juvenis: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2006.
- PAULA, Jéssica N. **Passagens e paisagens Urbanas: os circuitos dos jovens universitários estrangeiros em Uberlândia-MG**. Monografia. Instituto de Ciências Sociais (INCIS), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.
- PARK, Robert E. A cidade. Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Otávio Velho (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PISELLI, Fortunata. A network analysis nos estudos sobre a família: teorias e aplicações. **Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 3, p 459-481, set/dez. 2003.
- RODRIGUES, Maria de Lurdes. **Sociologia das Profissões**. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: Otávio Velho (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- SUBUHANA, Carlos. Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidades e redes sociais. **Imaginário**, USP, São Paulo, v. 13, n. 14, p321-355, 2007.

- TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade. In: MIRANDA, Orlando (org). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- VALLADARES, Licia do Prado. **A Escola de Chicago**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, UFRJ, 1995.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____. **Metrópole, Cosmopolitismo e Mediação**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n.33, p.15-23. jan./jun. 2010.
- VELHO, Otávio G. Introdução. In: VELHO, Otávio G.(org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- VELSEN, J.Van. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: Otávio Velho (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.